

As aparições de animais seriam tão-somente criações fluídicas?

“O que é evidente, para nós, pode não ser para vós outros; cada qual julga as coisas debaixo de certo ponto de vista, e do fato mais positivo nem todos tiram as mesmas consequências.” (ALLAN KARDEC)

As aparições de espíritos de animais tornam-se tema polêmico ⁽¹⁾, porquanto, pelas revelações contidas nas obras da Codificação, não haveria animais no mundo espiritual e, além disso, Espíritos inferiores poderiam tomar a aparência de animais.

Analisaremos, na sequência, cada uma destas duas possibilidades.

Vejamos a seguinte questão de **O Livro dos Espíritos**:

600. *Sobrevivendo ao corpo em que habitou, a alma do animal fica num estado errante semelhante ao em que se acha o homem após a morte?*

“**Fica numa espécie de erraticidade**, já que não está mais unida ao corpo, **mas não é um Espírito errante**. O Espírito errante é um ser que pensa e age por sua livre vontade; o dos animais não tem a mesma faculdade. É a consciência de si mesmo que constitui o principal atributo do Espírito. **Após a morte, o Espírito do animal é classificado pelos Espíritos que se encarregam dessa tarefa e utilizado quase imediatamente; não dispõe de tempo para se relacionar com outras criaturas.**” ⁽²⁾ (itálico do original, negrito nosso)

Em **O Livro dos Médiuns**, item 283 – Evocação de animais, lemos:

36. *Pode-se evocar o Espírito de um animal?*

“Depois da morte do animal, o princípio inteligente que nele havia se acha em estado latente e **é logo utilizado, por certos Espíritos incumbidos disso, para animar novos seres**, nos quais ele continua a obra de sua elaboração. Assim, no mundo dos Espíritos, **não há Espíritos errantes de animais**, mas somente Espíritos humanos. Isto responde à vossa pergunta.” ⁽³⁾ (itálico do original, negrito nosso)

Na obra **A Gênese**, Cap. XIV – Os fluidos, tópico “Ação dos Espíritos sobre os fluidos. Criações fluídicas. Fotografia do pensamento”, no item 14, há um ponto que vem colocar mais lenha na fogueira. Este trecho já o citamos, mas é necessário voltarmos a ele para destacar algo importante:

Por um efeito análogo, **o pensamento do Espírito cria fluidicamente os objetos que ele estava habituado a usar**. Um avarento manuseará ouro; um militar trará suas armas e seu uniforme; um fumante, o seu **cachimbo**; **um lavrador**, o seu arado e seus bois; uma mulher velha, a sua **roca**. Para o Espírito, que também é fluídico, **esses objetos fluídicos são tão reais como eram antes, no estado material, para o homem vivo**; mas em virtude de serem criações do pensamento, a existência deles é tão fugaz quanto o próprio pensamento que os gerou. ⁽⁴⁾ (grifo nosso)

Da referência a “seus bois” acrescida à informação de que não há animais na erraticidade, alguns confrades concluíram que esses bovídeos se tratavam de criações fluídicas e aí generalizaram para todos os animais cujas aparições são relatadas.

Não entendemos dessa forma, ao dizer da possibilidade de “o pensamento do Espírito **cria fluidicamente os objetos que ele estava habituado a usar**” e depois citar o cachimbo, o arado e seus bois e a roca afirmando que “**esses objetos fluídicos são tão reais como eram antes, no estado material, para o homem vivo**” (grifo nosso). Allan Kardec (1804-1869) está se referindo apenas a objetos de uso habitual e diante disso, julgamos que nessa história “os bois”, não seriam animais, mas fazem parte da paisagem “o arado e seus bois” fotografada pelo Espírito. Provavelmente, no contexto, “seus bois” seriam apenas “objetos inertes” e não propriamente seres semoventes.

Ademais, em nenhuma das obras da Codificação Espírita encontraremos algo que, expressa ou sutilmente, dê sustentação a criação fluídica de seres animados, no caso, de animais.

O artigo “Os Espíritos glóbulos”, publicado na **Revista Espírita 1860**, mês de fevereiro, no seu último parágrafo tem algo importante dito por Allan Kardec que não podemos deixar de o mencionar:

Os únicos sinais que, realmente, podem atestar a presença de Espíritos são os sinais inteligentes. Enquanto **não ficar provado que as imagens**, de que acabamos de falar, ainda que dotadas de forma humana, **têm movimento próprio, espontâneo, com evidente caráter intencional e acusando vontade livre, nisso veremos apenas fenômenos fisiológicos ou óticos.** A mesma observação se aplica a todos os gêneros de manifestações, sobretudo aos ruídos, às pancadas, aos movimentos insólitos dos corpos inertes, que mil e uma causas físicas podem produzir. Repetimos: **enquanto um efeito não for inteligente por si mesmo, e independente da inteligência dos homens, devemos olhá-lo duas vezes antes de os atribuir aos Espíritos.** ⁽⁵⁾
(grifo nosso)

Dessa forma, fica bem definido que se algo for levado à conta de criação fluídica, somente o será se não demonstrar “*movimento próprio, espontâneo, com evidente caráter intencional e acusando vontade livre*”, caso contrário deverá ser visto “*apenas [como] fenômeno fisiológico ou ótico*”.

Partindo dessa premissa, é imprescindível citarmos o artigo “Manifestação do espírito dos animais”, publicado na **Revista Espírita 1865**, no mês de maio, no qual o Codificador registra uma carta de um correspondente de Dieppe ⁽⁶⁾, em que narra a aparição de uma cadelinha de nome Mika:

“Agonizante meu pobre filho, falecido em Boulogne-sur-Mer, onde continuava seus estudos, tivera de um de seus amigos **uma encantadora cadelinha** que havíamos educado com cuidado extremo. Ela era, em sua espécie, a mais adorável criaturinha que fosse possível imaginar. **Nós a amávamos como se ama tudo aquilo que é belo e bom. Ela nos compreendia pelo gesto, nos compreendia pelo olhar. A expressão de seus olhos era tal que parecia que iria responder quando se lhe dirigia a palavra.**

“Depois do decesso de seu jovem dono a pequena Mika (era seu nome) me foi conduzida a Dieppe, e, segundo **seu hábito, ela dormia quentamente coberta aos meus pés, sobre minha cama.** No inverno, **quando o frio maltratava muito, ela se levantava, fazia ouvir um pequeno gemido de uma extrema doçura, o que era a sua maneira habitual de formular um pedido,** [...] Comigo a pobre pequena passava felizes dias. Mil coisas doces não lhe faltavam; mas, **em setembro último, caiu doente e morreu,** [...].

“Ultimamente, **pelo meio da noite, estando deitado mas não dormindo, ouvi partir do pé de minha cama esse pequeno gemido que produzia a minha pequena cadelinha quando desejava alguma**

coisa. [...] Ao levantar-me de manhã, **contei o fato à minha mulher que me disse: ‘Ouvi a mesma voz, não uma única vez, mas duas.** [...].”

“**Minha pobre filha doente**, que tinha sua pequena cama no quarto de dormir de sua mãe, **afirma tê-la ouvido igualmente.** [...].” (7) (grifo nosso)

Chamamos a atenção para o fato de que, na sua manifestação, a cadelinha Mika solta um gemido, exatamente como ela fazia quando viva. Esse detalhe, a nosso ver, incontestavelmente prova uma ação inteligente, razão pela qual essa manifestação não pode ser tomada por fenômeno fisiológico, ótico ou criação fluídica ou mental. Continuando o relato:

“Eu vos confesso, caro senhor, que esses fatos, embora se relacionem a um ser privado de razão, me fazem refletir singularmente. **Que pensar disso? Não ousa nada decidir e não tenho o ócio de me estender longamente sobre esse assunto; mas me pergunto se o princípio imaterial, que deve sobreviver nos animais, como no homem, não adquiriria, num certo grau, a faculdade de comunicação como a alma humana. Quem sabe? conhecemos todos os segredos da Natureza? Evidentemente não.** Quem explicará as leis das afinidades? quem explicará as leis repulsivas? ninguém. Se a afeição, que é do domínio do sentimento, como o sentimento é do domínio da alma, possui em si uma força atrativa. **Que haveria de espantoso que um pobre animalzinho no estado imaterial se sinta arrastado ali onde sua afeição o leva?** [...] direi somente que ela pode estar nas coisas possíveis, e sem ir mais adiante, **acrescentarei que constato um fato apoiado num tríplice testemunho, e que se esse fato se produziu, foi porque pôde se produzir. Além disso, esperemos que o tempo nos esclareça, não tardaremos talvez a ouvir falar de fenômenos da mesma natureza.**” (8) (grifo nosso)

Esses questionamentos fazem todo o sentido, especialmente: “*Conhecemos todos os segredos da Natureza?*” e “*que haveria de espantoso que um pobre animalzinho no estado imaterial se sinta arrastado ali onde sua afeição o leva?*”. Ao final diz “*acrescentarei que constato um fato apoiado num tríplice testemunho, e que se esse fato se produziu, foi porque pôde se produzir*”.

Dos comentários de Allan Kardec, destacamos:

Nosso honrado correspondente age sabiamente ao não decidir a

questão; **de um único fato que não é ainda senão uma probabilidade, não tira uma conclusão absoluta; ele constata, observa, à espera de que a luz se faça. Assim o quer a prudência. Os fatos desse gênero não são ainda nem bastante numerosos, nem bastante averiguados para deles deduzir uma teoria afirmativa ou negativa.** [...] Se isso não é uma ilusão, constata pelo menos o laço de afinidade que existe entre o Espírito dos animais, ou melhor de certos animais e o do homem. [...].

[...] Em todos os casos, se existem pontos de contato entre a alma animal e a alma humana, isso não pode ser, do lado da primeira, senão da parte dos animais mais avançados. **Um fato importante a constatar é que, entre os seres do mundo espiritual, jamais foi feita menção de que existam Espíritos de animais. Pareceria disso resultar que estes não conservam a sua individualidade depois da morte, e, de um outro lado, essa cadelinha que teria se manifestado, pareceria provar o contrário.**

Vê-se, segundo isto, que a questão está ainda pouco avançada, e não é preciso se apressar em resolvê-la. Tendo sido lida a carta acima à Sociedade de Paris, a comunicação seguinte foi dada a este respeito. ⁽⁹⁾ (grifo nosso)

É importante esta consideração do Codificador: *“Os fatos desse gênero não são ainda nem bastante numerosos, nem bastante averiguados para deles deduzir uma teoria afirmativa ou negativa.”*

Julgamos que isso comprova que, na sua percepção, a manifestação de animais não seria algo de todo impossível de acontecer. E, numa das partes que cortamos, ele também afirma que *“Não é pelos sistemas que se pode resolver esta grave questão, é pelos fatos;”*, teor que merece reflexão da parte de todos nós.

Ao lembrar que *“entre os seres do mundo espiritual, jamais foi feita menção de que existam Espíritos de animais”*, Allan Kardec questiona: *“essa cadelinha que teria se manifestado, **pareceria** provar o contrário”* (grifo nosso). Portanto, parece-nos claro que ele não fechou a questão, mas, como homem da lógica que era, deixou espaço aberto para que tais manifestações possam ocorrer, embora não tenha explicado como elas aconteceriam.

Na data de 21/04/1865, um Espírito manifestou-se e fez considerações a essa questão. De sua mensagem, transcrevemos esses trechos que têm relação com o nosso tema:

(Paris, 21 de abril de 1865. - Médiun, Sr. E. Vézzy.)

Vou tocar uma grave questão esta noite, **falando-vos das relações que podem existir entre a animalidade e a humanidade**. Mas neste recinto, quando, pela primeira vez, minhas instruções vos ensinaram a solidariedade de todas as existências e as afinidades que existem entre elas, um murmúrio se elevou numa parte desta assembleia, e eu me calei. Deveria fazer o mesmo hoje, apesar de vossas perguntas? Não, uma vez que vais entrar no caminho que eu vos indiquei.

[...].

Entre os animais domésticos e o homem as afinidades são produzidas pelas cargas fluídicas que [...] é a esta causa somente que poderão ser devidas estas manifestações que vêm de vos ler. **Não se está, pois, enganado ouvindo um grito alegre do animal e conhecendo os cuidados de seu senhor**, e vindo, antes de passar ao estado intermediário de um desenvolvimento a outro, trazer-lhe uma lembrança. **A manifestação pode, pois, ocorrer, mas ela é passageira, porque o animal, para subir de um degrau, é preciso um trabalho latente que aniquile, para todos, todo sinal exterior de vida.** [...] **Ser-nos-ia, pois, difícil vos falar dos Espíritos de animais do espaço, ele não existe, ou antes sua passagem é tão rápida que é como nula**, e que no estado de crisálida, não poderiam ser descritos. ⁽¹⁰⁾ (grifo nosso)

Portanto, a manifestação da cadelinha foi dada como verdadeira, embora passageira, conforme argumentado.

Especificamente, quanto à existência de animais no mundo espiritual foi dito que é tão rápida que é quase que é nula a sua permanência por lá, porém não se afirmou que isso seria um obstáculo intransponível à manifestação de animais.

E finalizando o artigo, Allan Kardec inseriu esta nota:

[...] **Como explicação do fato precitado, sua teoria é racional e concorda, pelo fundo, com a que prevalece hoje nas instruções dadas na maioria dos centros**. Quando tivermos reunido todos os documentos suficientes, nós os resumiremos em um corpo de doutrina metódico, que será submetido ao controle universal; até lá não são senão balizas colocadas sobre o caminho para clareá-lo. ⁽¹¹⁾ (grifo nosso)

O Codificador fez valer isto que dissera “[...] *contra os fatos, é preciso, necessariamente, abaixar as armas.* [...]” ⁽¹²⁾ e fica à espera de que se reúna

mais ocorrências, com o objetivo de se aplicar o controle universal, a fim de defini-la positiva ou negativamente.

O que Allan Kardec fez diante desse relato informando a manifestação de espírito de animal? Disse tratar-se de criação fluídica? Não! Ele, como homem de ciência, deixava que os fatos norteassem tudo.

A possibilidade de Espíritos se apresentarem com a aparência de um animal entra aqui para que se possa separar uma coisa da outra, ou seja, uma possível criação fluídica e de uma real transformação perispirítica.

Do artigo “Das aparições”, publicado na **Revista Espírita 1858**, mês de dezembro, destacamos o seguinte parágrafo:

O perispírito, separado do corpo, afeta uma forma determinada e limitada, e essa forma normal é a do corpo humano, mas não é constante; **o Espírito pode dar-lhe, à sua vontade, as aparências mais variadas e até a de um animal** ou de uma chama. De resto, isto se concebe muito facilmente. Não se veem homens darem, ao seu rosto, as expressões mais diversas, imitarem, ao ponto de enganarem, a voz, o rosto de outras pessoas, parecerem corcundas, coxos, etc.? Quem reconheceria na cidade certos atores que não se vira senão caracterizado no palco? Se, pois, o homem pode assim dar ao seu corpo material e rígido aparências tão contrárias, **com mais forte razão o Espírito pode fazê-lo com um envoltório eminentemente flexível, e que pode prestar-se a todos os caprichos da vontade.** ⁽¹³⁾ (grifo nosso)

Do item 100 de **O Livro dos Médiuns**, ressaltamos a seguinte questão:

30. *Os Espíritos **poderiam apresentar-se sob a forma de animais?***

“Isto **pode acontecer, mas somente Espíritos muito inferiores tomam essas aparências.** Em todos os casos, **a forma animalesca não passará de uma aparência momentânea,** pois seria absurdo acreditar que um animal verdadeiro, qualquer que seja, pudesse ser a encarnação de um Espírito. Os animais são sempre animais e nada mais do que isto.” ⁽¹⁴⁾ (itálico do original, negrito nosso)

E, finalizando, trazemos o seguinte parágrafo do comentário de Allan Kardec após a narrativa de “As visões do Sr. O.”, publicada na **Revista Espírita 1861**, mês de julho:

Parece-nos que há o suficiente para nos permitir apreciá-las e [...] determinar o caráter da alucinação, compreenderão a analogia que ela tem com as figuras que muitas vezes se apresentam em estados de sonolência, e que devem ter as mesmas causas; disto estamos convencidos pelo simples fato da multidão de animais que ele viu. **Sabe-se que não há Espíritos de animais errantes no mundo invisível** e que, conseqüentemente, **não pode haver aparições de animais, salvo o caso em que um Espírito fizesse surgir uma aparência desse gênero, com um fim determinado**, o que não deixaria de ser sempre uma aparência, e não o Espírito real, de tal ou qual animal. **O fato das aparições é incontestável**, mas é preciso guardar-se de vê-las em toda parte e de tomar como tais o jogo de certas imaginações facilmente exaltáveis, ou a visão retrospectiva das imagens impressas no cérebro. [...].
(¹⁵) (grifo nosso)

Temos aí, nessas transcrições, a evidente possibilidade de um Espírito inferior apresentar-se com a aparência de um animal. Porém, será uma ocorrência momentânea. Isso nos leva a concluir que, sempre que acontece, o Espírito manifestante, ao assumir uma forma animalesca, quer “assombrar” alguém, talvez, um seu desafeto.

Assim, essa ocorrência deve ser rara e facilmente identificada ao se analisar as circunstâncias e levando-se em conta o período de tempo em que se deu.

Paulo da Silva Neto Sobrinho

Jul/2025

Referências bibliográficas:

KARDEC, *A Gênese*. Brasília: FEB, 2013.

KARDEC, *O Livro dos Espíritos*. Brasília: FEB, 2013.

KARDEC, *O Livro dos Médiuns*. Brasília: FEB, 2013.

KARDEC, *Revista Espírita 1858*. Araras (SP): IDE, 2001.

KARDEC, *Revista Espírita 1859*. Araras (SP): IDE, 1993.

KARDEC, *Revista Espírita 1860*. Sobradinho (DF): Edicel, 2001.

KARDEC, *Revista Espírita 1861*. Araras (SP): IDE, 1993.

KARDEC, *Revista Espírita 1865*. Araras (SP): IDE, 1993.

Internet

SILVA NETO SOBRINHO, P. *Os Animais: Percepções, Manifestações e Evolução*, link: <https://paulosnetos.net/article/animaispercepcoes-manifestacoes-e-evolucao-os-ebook>. Acesso em: 27 jul. 2025.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *Criações fluídicas: um breve ensaio*, link: <https://paulosnetos.net/article/criacoes-fluidicas-um-breve-ensaio>. Acesso em: 27 jul. 2025.

- 1 Esse artigo tem muito do teor constante dos ebooks: **1º)** “*Animais: percepções, manifestações e evolução*”, link: <https://paulosnetos.net/article/animais-percepcoes-manifestacoes-e-evolucao-os-ebook> e **2º)** “*Criações fluídicas: um breve ensaio*”, link: <https://paulosnetos.net/article/criacoes-fluidicas-um-breve-ensaio>
- 2 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 273-274.
- 3 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 313.
- 4 KARDEC, *A Gênese*, p. 241.
- 5 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 54
- 6 Dieppe ou, na sua forma portuguesa, Diepa é uma comuna francesa na região administrativa da Normandia, no departamento do Sena Marítimo. (WIKIPÉDIA)
- 7 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 129-130.
- 8 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 130-131.
- 9 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 131-132.
- 10 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 132-133.
- 11 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 133-134.
- 12 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 253.
- 13 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 322.
- 14 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 114.
- 15 KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 215.